

PERFIL AUDITIVO DOS SUJEITOS ATENDIDOS EM UM PROJETO DE EXTENSÃO NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY

FERNANDES, Alexandre Dantas¹
CAVALCANTI, Hannalice Gottschalck²
ANDRADE, Wagner Teobaldo Lopes de³

RESUMO

A perda auditiva tem sido associada a um fator psicossocial negativo. No Brasil, de acordo com o Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem 5.750.809 cidadãos com deficiência auditiva, sendo 176.067 incapazes de ouvir. Esse tipo de deficiência oferece alta incidência e prevalência caracterizando altos custos com diagnóstico e tratamento. O objetivo do estudo foi identificar, através de uma ação extensionista, o perfil auditivo dos pacientes atendidos no ambulatório do hospital. Foram atendidos 38 pacientes com idade entre 6 e 86 anos, de ambos os sexos no período de 2012 a 2013 encaminhados pelos profissionais da Otorrinolaringologia do ambulatório do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW). Os sujeitos foram submetidos a uma anamnese, otoscopia e audiometria tonal liminar por meio do audiômetro *Sibelmed AC-50D*. A faixa etária dos sujeitos atendidos mostrou-se mais prevalente entre de adulto e idoso, 89,47% dos indivíduos obtiveram alteração no resultado audiométrico, o tipo de perda auditiva sensorio-neural e o grau leve foram mais frequentes. Conclui-se que o número de pessoas que apresentaram perda auditiva foi grande. Considerando a dificuldade em obter atendimento em serviço público de diagnóstico da audição na cidade de João Pessoa/PB, percebe-se a importância de uma ação de extensão como esta que, secundariamente, favorece à comunidade a possibilidade de uma intervenção médica adequada e, conseqüentemente, melhora da qualidade de vida desses sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Audiometria, Avaliação Auditiva, Perda Auditiva.

INTRODUÇÃO

A perda auditiva tem sido associada a um fator psicossocial negativo (ROSALINO; ROZENFELD, 2005). No Brasil, de acordo com o Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem 5.750.809 cidadãos com deficiência auditiva, sendo 176.067 incapazes de ouvir. Esse tipo de deficiência oferece alta incidência e prevalência caracterizando altos custos com diagnóstico e tratamento (SCARPITTA; VIEIRA; DUPAS, 2011).

A deficiência auditiva na infância apresenta uma prevalência de 1,5/1.000 nascidos vivos, variando de 0,8 a 2/1.000 em todo o mundo. As principais dificuldades da criança com deficiência auditiva estão relacionadas à linguagem e à aprendizagem, entre elas, dificuldade em ouvir o conteúdo dado, resolver atividades em grupo entre outros. A audiometria é considerando o teste padrão ouro para a avaliação da audição, mas a sua realização é dificultada em alguns locais devido a problemas de acesso e referência.

¹ Aluno do 7º período do Curso de Fonoaudiologia da UFPB. Discente bolsista. E-mail: alexandreadf23@hotmail.com.

² Doutora em Ciências da Saúde pela UFRN. Professora Adjunto I do Departamento de Fonoaudiologia da UFPB. Professora colaboradora do projeto de extensão. E-mail: hannafono@gmail.com.

³ Doutor em Linguística pela UFPB. Professor Adjunto I do Departamento de Fonoaudiologia da UFPB. Professor coordenador do projeto de extensão. E-mail: wagnerteobaldo@ccs.ufpb.br.

Segundo Araújo *et al.* (2002), que avaliaram a audição de 121 escolares com idade entre 7 a 14 anos por meio da audiometria, 24% das orelhas mostraram-se alteradas, com maior prevalência de perda auditiva do tipo condutiva.

Em uma pesquisa realizada em 18 escolas municipais da Paraíba, com alunos de 4 a 15 anos, foi encontrada alteração no exame otorrinolaringológico de 15% dos estudantes e alteração auditiva em 34% dos sujeitos. Dessas perdas auditivas, 12% foram sensório-neurais bilaterais, 8% condutivas bilaterais, 8% condutivas unilaterais, 3% sensório-neurais unilaterais e 1% mista unilateral (NOGUEIRA; MENDONÇA, 2011). No mesmo estudo, a perda condutiva de grau leve foi responsável pela metade dos casos e a perda sensório-neural de mesmo grau, observada em 7% dos estudantes.

Já Lobato *et al.* (2011), avaliando o perfil audiológico de 419 crianças em uma escola de ensino fundamental em Curitiba/PR, encontraram 14% das crianças com alteração auditiva, das quais 79,6% tinham idade entre 6 e 8 anos.

Jardim, Iwahashi e Paula (2010) realizaram um estudo com 217 indivíduos adultos e idosos atendidos em um centro de Audiologia na cidade de São Paulo, de ambos os sexos com idade média de 54,3 anos. Os autores concluíram que 50,7% dos indivíduos relataram zumbido, 22,1% relataram tontura e 53,4% referiram diminuição auditiva. Destes sujeitos, 45,6% apresentaram perda auditiva bilateral e 18% apresentaram perda auditiva unilateral, havendo predomínio do tipo sensório-neural de grau leve nesses indivíduos.

É crescente a frequência de patologias cujo envelhecimento é afetado, entre elas destacam-se às ligadas ao ouvido interno. Entre os idosos, a perda auditiva é a terceira condição crônica mais prevalente nos Estados Unidos. No Brasil, estudos apontam uma prevalência de perda auditiva entre idosos variante de 20 a 85% (ROSALINO; ROZENFELD, 2005). Apesar da sua alta prevalência, a deficiência auditiva muitas vezes não é investigada durante o exame médico tradicional neste grupo etário.

Na população idosa, frequentemente a prevalência do tipo de perda auditiva é sensório-neural, bilateral, de configuração descendente, atingindo especialmente as frequências altas (4, 6 e 8 kHz), caracterizando a presbiacusia. De acordo com Teixeira *et al.* (2009), os graus de perda auditiva mais prevalentes em idosos são grau leve e moderado. Não se pode, no entanto, atribuir a desvantagem percebida pelo sujeito apenas ao resultado da audiometria tonal. Alguns sujeitos com perda auditiva leve podem apresentar alto índice de percepção de desvantagem de sua audição.

Segundo Tenório *et al.* (2011), em análise de 140 prontuários de idosos, as queixas mais frequentes nesses sujeitos foram zumbido, prurido, tontura e otalgia. Desses sujeitos, 82,85% apresentavam perda auditiva, com maior predomínio de perda auditiva sensório-neural, de grau leve e moderado, bilateralmente, com configuração audiométrica descendente.

No Rio de Janeiro, 238 idosos participantes de uma pesquisa, apresentaram uma prevalência de perda auditiva de grau leve (MATTOS; VERAS, 2009). Em Londrina/PR, um estudo com amostra de 61 idosos, 87,70% das orelhas apresentaram algum tipo de perda auditiva ou rebaixamento de frequências, com maior prevalência da perda auditiva sensório-neural de grau leve (MENEZES *et al.*, 2010).

Numa população atendida em um Serviço de Atenção à Saúde Auditiva na Alta Complexidade da cidade de Belo Horizonte, dos 601 indivíduos atendidos, a faixa etária predominante (54,1%) foi de indivíduos com idade igual ou superior a 61 anos. Nestes, o tipo de perda auditiva mais prevalente foi sensório-neural (91,1%), em relação ao grau, a prevalência foi de moderado (CARMO; SOGARI, 2012).

METODOLOGIA

A pesquisa, de natureza observacional, descritiva e transversal, foi realizada com base nos dados gerados em um projeto de extensão realizado durante seis meses, entre 2012 e 2013, que enfocava o diagnóstico audiológico de pacientes atendidos pelo Ambulatório de Otorrinolaringologia de um hospital público federal do estado da Paraíba.

As atividades do projeto de extensão foram desenvolvidas no Setor de Fissuras Labiopalatinas do hospital em questão, considerando que tal setor dispunha de audiômetro para a realização dos exames. O projeto foi desenvolvido por 2 docentes e 8 estudantes do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Paraíba, em dois turnos semanais.

Todos os pacientes encaminhados pelos profissionais da Otorrinolaringologia eram submetidos a uma anamnese, otoscopia e audiometria tonal liminar por meio do audiômetro *Sibelmed AC-50D*.

Os limiares auditivos foram mensurados de forma decrescente por via aérea (com uso de fone supra-aural TDH39) nas frequências de 250, 500, 1000, 2000, 3000, 4000, 6000 e 8000 Hz. Estando qualquer dos limiares entre 500 e 4000Hz superior a 25dB (padrão de normalidade considerado), foi realizada a mensuração dos limiares por via óssea (com uso de vibrador ósseo) nesta faixa de frequência, para determinação do tipo de perda auditiva.

O tipo de perda auditiva foi definido de acordo com a normalidade/alteração dos limiares de via óssea e da presença/ausência de gap patológico (diferença entre o limiar de via aérea e via óssea igual ou superior a 15dB). Limiares de via óssea normais (até 25dB) e presença de gap patológico caracterizam a perda auditiva condutiva, em que a lesão auditiva encontra-se na orelha externa e/ou orelha média. Já limiares de via óssea alterados (superiores a 25dB) e ausência de gap patológico caracterizam a perda auditiva sensorio-neural, em que a alteração auditiva advem de lesão na orelha interna. Já a presença de alteração de limiares de via óssea e presença de gap patológico revelam uma perda auditiva mista, uma combinação dos dois tipos anteriores.

Já o grau da perda, caracterizado em função da média tritonal dos limiares de via aérea nas frequências de 500, 1000 e 2000Hz, foi considerado de acordo com Russo e Santos (1993) em perda auditiva leve (26-40dB), moderada (41-70dB), severa (71 a 90dB) e profunda (superior a 91dB).

Foram analisadas as seguintes variáveis:

1. Independentes: sexo e faixa etária
2. Dependentes: resultado do exame segundo a normalidade ou alteração; tipo da perda auditiva, grau da perda auditiva e queixa apresentada pelo paciente.

RESULTADOS

Em relação à faixa etária, percebeu-se que os sujeitos foram, prioritariamente, adultos e idosos (44,74% cada) (Tabela 1). Resultados semelhantes foram verificados por Jardim, Iwahashi e Paula (2010) e Tenório *et al.* (2011).

Tabela 1 – Distribuição dos sujeitos em relação à faixa etária (João Pessoa, 2012).

Faixa etária	N	%
Criança (0-11 anos)	3	7,89
Adolescente (12-18 anos)	1	2,63
Adulto (19-59 anos)	17	44,74
Idoso (60 anos ou mais)	17	44,74
Total	38	100

Do total de indivíduos, 34 (89,47%) apresentaram alteração no resultado audiométrico (Tabela 2).

Tabela 2 – Distribuição dos sujeitos em relação ao resultado do exame audiométrico (João Pessoa, 2012).

Resultado do exame audiométrico	N	%
Normal	4	10,53
Alterado	34	89,47
Total	38	100

As Tabelas 3 e 4 mostram que o tipo de perda auditiva sensorio-neural (38,71%) e o grau leve (40,32%) foram os mais ocorrentes.

Tabela 3 – Distribuição das orelhas alteradas em relação ao tipo da perda auditiva (João Pessoa, 2012).

Tipo da perda auditiva	N	%
Condutiva	12	19,35
Sensorio-Neural	24	38,71
Mista	10	16,13
Não foi possível definir	16	25,81
Total	62	100

Tabela 4 – Distribuição das orelhas alteradas em relação ao grau da perda auditiva (João Pessoa, 2012).

Grau da perda auditiva	N	%
Leve	25	40,32
Moderado	9	14,52
Severo	4	6,45
Profundo	1	1,61
Não foi possível definir	23	37,10
Total	62	100

Em relação aos sujeitos que apresentaram alteração audiométrica em relação à lateralidade da alteração foi possível identificar que 82,35% apresentaram alteração bilateral (nas duas orelhas). Já a queixa mais referida entre os indivíduos foi a dificuldade para ouvir (30,2%).

CONCLUSÃO

Verificou-se uma grande quantidade de sujeitos com perda auditiva, especialmente, adultos e idosos com perda auditiva sensorio-neural leve bilateral. Assim sendo, percebe-se a importância de uma atenção especial à saúde auditiva da população, a fim de evitar prejuízos à sua qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S.A. *et al.* Avaliação auditiva em escolares. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, São Paulo, v. 68, n. 2, p. 263-266. mar./abr. 2002.

CARMO, C.F.; SOGARI, K.C.C. Estudo retrospectivo da população atendida em um Serviço de Atenção à Saúde Auditiva na Alta Complexidade no ano de 2010: achados audiológicos e caracterização da adaptação do Aparelho de Amplificação Sonora Individual, **Periódico Científico do Núcleo de Biociências – Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 13-26, ago./set. 2012.

JARDIM, I.S.; IWAHASHI J.H.; PAULA, V.C. Estudo do perfil audiológico de indivíduos atendidos em um serviço de diagnóstico brasileiro. **Arquivo Internacional de Otorrinolaringologia**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 32-7, jan.-mar. 2010.

LOBATO, D.C.B. *et al.* Perfil auditivo de escolares de duas escolas públicas de ensino fundamental em Curitiba. Congresso Sul-Brasileiro de Fonoaudiologia, 4, 2011, Balneário Camboriú. **Anais...**, 2011.

MATTOS, L.C.; VERAS, R.P. A prevalência da perda auditiva em uma população de idosos da cidade do Rio de Janeiro: um estudo seccional. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, São Paulo, v. 73, n. 5, p. 654-9, set./out. 2007.

MENEZES, C. *et al.* Prevalência de perda auditiva e fatores associados na população idosa de Londrina, Paraná: estudo preliminar. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 384-392, maio/jun. 2010.

NOGUEIRA, J.C.R.; MENDONÇA, M.C. Avaliação auditiva em uma população de estudantes da rede pública municipal. **Brazilian Journal of Otorhinolaryngology**, São Paulo, v. 77, n. 6, p. 716-20, nov./dez. 2011.

ROSALINO, C.M.V.; ROZENFELD, S. Triagem auditiva em idosos: comparação entre auto-relato e audiometria. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, São Paulo, v. 71, n. 2, p. 193-200, mar./abr. 2005.

SCARPITTA, T.P.; VIEIRA, S.S.; DUPAS, G. Identificando necessidades de crianças com deficiência auditiva: uma contribuição para profissionais da saúde e educação. **Esc. Anna Nery**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 791-801. out-dez. 2011.

TEIXEIRA, A.R. *et al.* Relação entre a queixa e a presença de perda auditiva entre idosos. **Arquivo Internacional de Otorrinolaringologia**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 78-82, 2009.

TENÓRIO, J.P. *et al.* Comparação entre critérios de classificação dos achados audiométricos em idosos. **Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 114-8, 2011.